

## **IDENTIDADE DE IDOSOS APRENDIZES DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Cristiane Schmidt<sup>1</sup>

(Unioeste - Campus de Toledo)

**Resumo:** O artigo visa compreender como se constitui a identidade social de idosos na contemporaneidade, considerando as diferentes imagens da velhice. As pessoas idosas constituem um segmento da sociedade que vem adquirindo mais visibilidade em função da maior longevidade. Os idosos, sujeitos desse estudo, são participantes do Programa da Universidade Aberta à Terceira Idade – UNATI/UNIOESTE e aprendizes de Língua Alemã. Nesse sentido, discutem-se algumas implicações decorrentes do contato com diferentes discursos linguísticos e universos culturais. Esse trabalho apresenta uma abordagem descritiva, destacando os aspectos pertinentes ao aprendizado da Língua Estrangeira. Dentre algumas características, salientam-se a motivação, o trabalho em equipe e a busca do conhecimento linguístico e cultural responsáveis por uma aprendizagem efetiva, na perspectiva da educação permanente.

**Palavras-Chave:** Identidade social; Aprendizagem de Língua Estrangeira; Educação permanente.

## **IDENTITY OF AGED APPRENTICES OF FOREIGN LANGUAGE: SOME CONSIDERATIONS**

**Abstract:** The current article intends to comprehend how it is constituted the elderly social identity nowadays, considering the different old age images. Elderly consists of a segment of society that has been visualized because of a higher longevity. Elderly, subjects of this study, are participants of the University Program opened to the old-age people – UNATI/UNIOESTE and apprentices of German Language. Thus, some implications are discussed due to the contact with different linguistic discourses and cultural universes. This paper introduces a descriptive approach, highlighting the relevant aspects to the Foreign Language learning. Among some characteristics, motivation, teamwork and the search for linguistic and cultural knowledge are pointed as responsible for an effective learning, in a permanent education perspective.

**Keywords:** Social Identity; Foreign Language Learning; Permanent education.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras Português/Alemão. Mestre em Educação e Envelhecimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Professora Colaboradora do Projeto de Extensão Universidade Aberta à Terceira Idade UNATI – UNIOESTE/Campus de Toledo. E-mail: c.m.schmidt@bol.com.br.

## **1 INTRODUZINDO O TEMA**

A inclusão social e o multiculturalismo apoiam-se num apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença. A inclusão social é pedagogicamente recomendada pois favorecer essa perspectiva em razão dos vários benefícios que pode trazer, dentre eles o aumento da autoestima dos sujeitos antes excluídos, o auxílio na construção de uma sociedade mais solidária, a aceitação dos outros e o desenvolvimento do apoio mútuo dentro dos grupos em questão.

A diversidade, no âmbito educativo, requer uma aprendizagem contínua, na qual todos aprendem a compartilhar novos significados e novos comportamentos de relações entre as pessoas. Trata-se de uma nova maneira de educar que parte do respeito à diversidade como valor e que se mostra como novo paradigma, desafiando os profissionais da educação, a comunidade escolar e a sociedade democrática.

A escolha da presente temática procede da vivência enquanto professora de idosos aprendizes de Língua Alemã no Programa UNATI (2009-2010) e, por conseguinte, do contato entre gerações. Essa temática implica questionamentos, tais como: – De que maneira se dá a construção da identidade pessoal, social e cultural desses idosos? – Quais são as implicações das diferenças, da identidade e da alteridade sobre o aprendizado de uma Língua Estrangeira?

Nesse sentido, ao longo do artigo pretende-se apresentar algumas reflexões pertinentes à identidade social de idosos, bem como reflexões relativas às perdas intrínsecas ao processo do envelhecimento. Ao mesmo tempo, ainda, se pretende destacar algumas implicações identitárias decorrentes do aprendizado da Língua Estrangeira, no processo de educação permanente.

## **2 IDENTIDADE: NOÇÕES REFLEXIVAS**

O conceito de identidade é de difícil delimitação e definição, considerando seu caráter multidimensional e dinâmico. É isso que lhe confere sua complexidade e flexibilidade, pois que a identidade possui variações, prestando-se a reformulações e a manipulações. Na perspectiva do interacionismo, a identidade é formada na interação entre o ‘eu’ e a ‘sociedade’, sendo que esse ‘eu’ sofre constantes modificações decorrentes do diálogo entre mundos culturais exteriores e as identidades que tais mundos oferecem.

As identidades não são fixas, estão sujeitas a mudanças e podem ser reposicionadas. Convém compreendê-las enquanto algo que está em constante processo e se construindo mediante o discurso. Assim, a identidade pessoal refere-se ao modo de tratar o outro e de se posicionar a seu respeito, destacando características que marcam o sujeito como único e distinto. Já, de outra parte, tem-se a identidade social, que envolve o tipo de interação apoiado em categorias sociais e em agrupamentos de gerações, salientando aspectos comuns com posições sociais semelhantes. Trata-se de uma representação relativa à posição no mundo social e, portanto, está intimamente vinculada às questões de pertencimento. Conforme Ferrigno:

A identidade pessoal nos é dada antes mesmo de nascermos, por meio das normas da cultura, consubstanciadas mais concretamente em expectativas, desejos e fantasias de nossos pais e demais familiares quanto ao nosso comportamento e nossas realizações. Nossa identidade social vai se dando por intermédio dos vínculos que vamos estabelecendo, ao longo da vida, com grupos sociais de diversas naturezas, como grupos étnicos, religiosos, estudantis, profissionais, de militância política, etc. (FERRIGNO, 2006, p. 12).

A identidade parece ser uma positividade, como exemplo “Sou velha” – característica que remete àquilo que eu sou. Em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: “Ela é jovem”. Dessa forma, a identidade e a diferença estão em relação de estreita dependência.

A afirmação “Sou velha” esconde uma leitura “Não sou jovem ou criança”, “Não sou adulta”, que são expressões negativas de identidade, de diferenças. Dizer o que somos significa também dizer o que não somos. São pressupostos de mundo e valores culturais implícitos nos enunciados carregados de significação. Em relação a isso, Brandão salienta que:

O diferente é o outro, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade: a descoberta do sentimento que se arma dos símbolos da cultura para dizer que nem tudo é o que eu sou e nem todos são como eu sou. Homem e mulher, branco e negro, senhor e servo, civilizado e índio [...] O outro é um diferente e por isso atrai e atemoriza. (BRANDÃO, 1986, p. 7).

Ocorre que a identidade social não diz respeito unicamente aos indivíduos. Todo grupo é dotado de uma identidade e que corresponde à sua definição social, definição que permite situá-lo no conjunto social. A identidade social é, ao mesmo tempo, inclusão e

exclusão: ela identifica o grupo e o distingue de outros grupos. Merece destaque a contribuição de Gusmão acerca da identidade social:

Os sujeitos sociais, sejam estes crianças, adultos, ou velhos, descobrem-se em meio a tais relações, como sujeitos iguais ou diversos de outros sujeitos; descobrem-se como um “EU” e como um “OUTRO”, cuja existência e realidade desafiam a compreensão estabelecida de mundo, com seus valores, suas crenças e sua ordem dominante. [...] todos se perguntam sobre quem são e como é o mundo onde estão e se encontram. No entanto, à pergunta que se fazem, já não tem por certa a resposta: afinal, quem é o outro que me obriga a olhar minha imagem no espelho e a me perguntar quem sou. (GUSMÃO, 2003, p.15-6, grifos no original).

A pergunta em questão, mesmo que aparentemente simples, decorre da consciência da alteridade, ou seja, a existência de um semelhante que, no entanto, é diferente. Conforme visto, a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais. Fixar uma determinada identidade como norma é uma das formas privilegiadas da hierarquização das identidades e das diferenças. Hall (2003) explica que dar uma norma a determinada identidade implica considerá-la positiva, sendo que as demais identidades, em confronto com ela, terão um caráter negativo.

Outro aspecto pertinente à identidade consiste na sua conexão com as relações de poder. Conforme Foucault, as identidades são construídas a partir da forma como são inscritas nas relações discursivas de poder, ao passo que o poder constrói identidades sociais através de discursos que legitimam regimes de verdade, pois a resistência também é constituída pelo poder (FOUCAULT, 1981). Dentro da tipologia da identidade, destaca-se ainda a identidade cultural – a que tem como fundamento a origem, as raízes, aquilo que define o sujeito de maneira autêntica. Ao mesmo tempo caracteriza-se como aquela que configura o sujeito contemporâneo marcado pelo hibridismo:

Em toda parte estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns no mundo globalizado. (HALL, 2003, p. 88).

Na contemporaneidade, conviver com diferentes estruturas linguísticas e a diversidade cultural tem-se configurado numa tendência dentre os mais jovens, assim como dentre as pessoas de idades mais avançadas. A propagação dos meios tecnológicos, em especial, do universo virtual, tem contribuído na configuração desse sujeito.

### 3 RELAÇÕES ENTRE LINGUAGEM E IDENTIDADE

O ser humano vai percebendo o mundo com maior clareza à medida que vai podendo nomear o que vê, à medida que vai estabelecendo relações de toda a ordem, permitindo construir teorias internas sobre funcionamento do mundo. Esse trabalho de reconhecimento e de estabelecimento de relações é feito no diálogo com o outro que lhe serve de mediador. É feito através da linguagem, num círculo que vai se estabelecendo no âmbito familiar (interação primária) e, posteriormente, através da interação secundária na rua, na escola e na sociedade em geral.

Conforme Scharfstein (2006, p. 1289), “[...] a identidade se constrói na interação entre o eu e a sociedade, de forma indissociável. Portanto, trata-se de uma influência em uma via de mão dupla, na qual a sociedade é um produto humano, assim como o indivíduo é um produto social”. Através de perguntas, das respostas que ouve, das hipóteses que constrói e que verifica, o sujeito vai construindo teorias próprias, teorias internas que vão configurando sua visão de mundo, portanto percebe o mesmo quando, pela linguagem, consegue significá-lo, interpretá-lo:

Sujeito e sentido se configuram ao mesmo tempo e é nisto que consistem os processos de identificação. Ao significar, nos significamos [...] Os sentidos não são algo que se dá independente do sujeito. Sujeito e sentido se configuram ao mesmo tempo [...] Os mecanismos de produção e sentido são também mecanismos de produção de sujeito. (ORLANDI, 2001, p. 205).

Se for tomada a definição discursiva de Orlandi (2001, p. 39), como aquilo que “[...] define o que pode e deve ser dito a partir de uma posição do sujeito em uma certa conjuntura [...]”, percebe-se que aquilo que um indivíduo diz, seu discurso, revela seu lugar de interlocução, esta parte de sua identidade que é construída histórica e socialmente e que é formada pela sua língua materna. Para Rajagopalan (2001), o conceito tradicional de identidade em linguística, identidade individual como algo total e estável, num mundo marcado pela crescente migração de massas e pela entremesclagem cultural, religiosa e étnica, necessita de uma revisão urgente.

Afirma ele: “As identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas e estão sempre num estado de fluxo. Seriam identidades compostas, múltiplas, proteiformes” (RAJAGOPALAN, 2001, p. 242). Nessa perspectiva, a identidade é polifônica e multirreferencial. Dessa forma, identidades compostas, múltiplas, mutantes estão em processo

contínuo de reformulação nas relações sociais, implicando uma multiplicidade de vozes do diálogo histórico e social.

Assim, não há identidade em si. Ela existe sempre em relação ao outro, quer dizer, a identidade e a alteridade são ligadas intrinsecamente e implicam uma relação dialética, acompanhada pela diferenciação: “Ou seja, o uso da linguagem, o que falo e como falo, é uma forma de ação que envolve duas noções fundamentais: os conceitos de alteridade e contexto, isto é, com quem ou para quem falo e onde falo” (SCHARSTEIN, 2006, p. 1290). Conforme o autor, evidencia-se uma forte correlação entre a linguagem e a constituição da identidade, no sentido de constar o elemento norteador – o outro – e, por sua vez, as circunstâncias nas quais está inserido.

#### **4 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL DO IDOSO NA CONTEMPORANEIDADE**

É indiscutível o aumento da longevidade do ser humano, fenômeno que vem se intensificando desde os anos 1990 e adquirindo maior visibilidade no contexto brasileiro.

Segundo dados do Censo Demográfico 2010, realizado pelo IBGE, em termos percentuais, a proporção de idosos na população subiu de 3,9% desde 1999 para 5,1% em 2009. Em compensação, no mesmo período, o número de crianças e adolescentes reduziu de 40,1% para 32,8%, estreitando o topo da pirâmide etária brasileira.

E ainda se destaca-se que o município de Toledo/PR, região na qual residem os sujeitos deste estudo, possui aproximadamente 12 mil idosos, isto é, em média 10% da população atual (GRAEFF, 2010). Considerando esse segmento populacional enquanto uma construção social, é fundamental considerar que “[...] a velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural” (BEAUVOIR, 1990, p. 20).

Nesse sentido, a sociedade atual, ao cultuar os valores da produtividade, da inovação, da juventude e do consumo, produz uma imagem negativa do idoso, imagem associada, geralmente, a algo ultrapassado, descartável, sem serventia e caracterizada com um processo contínuo de perdas físicas, psíquicas e sociais.

Na contemporaneidade, especificamente, ser uma pessoa idosa sob o prisma econômico não é considerado uma identidade produtiva, Assim, a diferença é parte ativa da formação de sua identidade. Destaca-se a contribuição que Debert faz sobre as diferentes velhices na sociedade contemporânea:

A velhice nas sociedades contemporâneas é uma experiência heterogênea. As diferenças de classe, etnias e gênero dão ao envelhecimento uma dimensão tão especial que dificilmente se poderia pensar na velhice como um momento em que as distinções que marcam as experiências individuais e coletivas em outras faixas etárias seriam apagadas. (DEBERT, 1992, p. 15).

Cabem, no entanto, algumas indagações a respeito da construção da identidade social do idoso numa sociedade marcada pelos valores mencionados: Como reparar a destruição sistemática que os homens sofrem desde o nascimento, na sociedade da competição e do lucro? Ou, ainda: “Como deveria ser uma sociedade para que, na velhice, o homem permaneça um homem?” (BOSI, 1994, p. 80-1).

Ocorre, então, muitas vezes, uma resposta defensiva do ser humano: recusa-se a se identificar como velho, uma vez que o medo da velhice está associado à decadência física, à doença, à dependência, à improdutividade, bem como à proximidade da morte. A velhice, assim como a morte, não habita no inconsciente do ser humano, mas são estranhos e sempre pertencentes ao outro. Conforme PY:

Na velhice, o ser humano prossegue envelhecendo no processo de transformações sociais a que todo ser vivo está determinado. Como sujeito, ele se constitui na relação identificatória com o outro e essas transformações têm a ver com a possibilidade de ser reconhecido na sua diferença, em que se há lugar para um juízo de valor, esse é o da valorização da singularidade do ser humano. (PY, 2004, p. 127).

Em contrapartida, além da identidade social do idoso marcado pelo estigma do feio, improdutivo e sem valia, há a possibilidade de se envelhecer com qualidade de vida. Nesse sentido Barros orienta:

[...] uma nova proposta de envelhecer e que podem estar sintetizadas no termo *terceira idade*, classificado socialmente como mais livre dos constrangimentos negativos da morte e da decadência humana. [...] Neste contexto, a representação da velhice negativa é substituída por uma imagem positiva no discurso de especialistas em envelhecimento na área médica, psicológica e na gerontologia, e hoje, na sociedade como um todo. (BARROS, 2004, p.48-9, grifo do autor).

Essa proposta remete ao idoso participativo de programas como o Projeto da Terceira Idade, programas os quais, além de uma maior visibilidade da velhice, também se evidenciam como espaços de sociabilidade e ocupação, com perspectivas num futuro melhor e mais autônomo.

## **5 DISCUSSÃO: O APRENDIZADO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO PERMANENTE**

No processo de aquisição de uma segunda língua ressaltam-se os pressupostos seguintes: dominar uma língua estrangeira possibilita ampliar o universo cultural, desenvolver o pensamento e a aquisição de conhecimentos sistematizados, além de facilitar a percepção da própria cultura através da compreensão da cultura estrangeira.

A aprendizagem de uma língua estrangeira se constitui na possibilidade de questionar a própria identidade, já que aprender uma língua é apropriar-se do outro. Ou melhor, aprender uma outra língua implica a reconstituição do próprio sujeito, não no sentido de que esse venha a anular-se, mas de que ele possa resignificar-se. Assim, portanto, “[...] aprender uma língua é sempre, um pouco, tornar-se um outro” (SIGNORINI, 2001, p. 15). Conforme Burbules e Rice, no que tange ao diálogo entre as diferenças, fica claro que:

Três tipos possíveis de benefício podem ser obtidos a partir do diálogo entre as diferenças: aqueles relacionados à construção da identidade, ao longo de linhas que são mais flexíveis sem se tornar arbitrárias; aqueles relacionados com a ampliação de nossa compreensão de outros e, através disso, de nossa compreensão de nós mesmos; e aqueles relacionados a fortalecer práticas comunicativas mais razoáveis e sustentáveis. (BURBULES; RICE, 1993, p. 188).

Trazendo essas reflexões para a realidade a ser descrita, inicialmente convém salientar que o Curso de Língua Alemã constitui uma oficina oferecida no período de março de 2009 a dezembro de 2010 aos idosos participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade – UNATI, na UNIOESTE/*Campus* de Toledo.

Dentre os alunos que optaram por cursar essa oficina, todos constam de origem germânica, sendo que a maioria dispunha de conhecimentos básicos acerca dessa língua. Nesse grupo, as habilidades da fala, compreensão auditiva e leitura eram significativas, porém, em relação à escrita, as dificuldades eram bem expressivas, ou seja: os aprendizes apresentavam lacunas em questões específicas de ortografia e de gramática.

No trabalho com pessoas de idade mais avançada, fatores como a interação e a motivação são elementos de suma importância na consolidação de resultados significativos no processo educativo. Nesse sentido, vale salientar que a motivação dos participantes durante o curso foi, sem dúvida, o aspecto mais importante em todo o processo. Os aprendizes dessa

faixa etária, ao contrário do que ocorre com muitos jovens atualmente, valorizam de forma muito marcante o conhecimento e a cultura.

Nesse aspecto, os idosos almejavam aproveitar ao máximo essa oportunidade de aprendizado e, como eles tinham dificuldades semelhantes, apoiavam-se mutuamente. Os componentes do grupo se apresentavam muito dispostos, prontos para participar de cada atividade proposta, raramente faltando às aulas, mesmo quando estavam adoentados ou a família lhes incumbia algum compromisso de última hora.

Pela necessidade de superarem suas dificuldades, não representavam o estereótipo do idoso aposentado, desocupado ou desmotivado. Além do Curso de Língua Alemã, muitos deles também participavam de outras oficinas oferecidas pela UNATI, como Informática, Artes, Educação Física, Meditação, dentre outros. Agendavam suas tarefas educativas e as seguiam à risca para não se perderem em meio a tantas atividades de caráter diversificado.

O grupo demonstrava interesse pela arte e cultura e não era raro que combinassem, após o término das aulas, algum passeio conjunto ao teatro ou outro evento cultural de importância, que estivesse acontecendo na cidade.

Também manifestavam especial importância pelos recursos metodológicos utilizados durante os encontros pedagógicos. Quando a ministrante do curso trazia músicas, textos, filmes ou *slides*, prontamente manifestavam desejo de obterem informações ou cópias de tais materiais – isso com intuito de enriquecerem seu conhecimento e vocabulário acerca do objeto de estudo.

Em vários momentos criavam grupos de estudo para que pudessem se auxiliar mutuamente na resolução de dúvidas particulares que apresentavam nas aulas de Língua Alemã. Tais encontros ocorriam geralmente na residência de um dos participantes, oportunizando troca e reciprocidade, como também estreitamento dos vínculos afetivos.

Convém frisar que, de uma parte, a intenção inicial de ofertar um Curso de Língua e Cultura Alemã se traduziu como instrumento de resgate da cidadania dos idosos em questão, além de oportunizar a valorização da memória cultural desse segmento social.

Ao mesmo tempo, ter a oportunidade de exercitar aspectos cognitivos e inserir-se em espaços destinados a pessoas de outras faixas etárias, expressa-se enquanto uma possibilidade para a reconstrução da identidade social da pessoa idosa. O contexto atual, marcado pela necessidade de renovação constante dos conhecimentos e das competências – conhecida como a sociedade do conhecimento – justifica uma educação permanente, isto é, uma educação que se prolonga durante toda a duração da vida – paradigma esse que pode ser estendido numa

concepção de uma educação entre as gerações, mediado pela relação de cooperação e de reciprocidade.

A educação permanente traduz-se como sendo uma necessidade de renovação cultural e, acima de tudo, uma exigência nova, da autonomia dos sujeitos de uma sociedade em constante transformação e atualização.

O conceito de educação permanente se estende a todos os aspectos do fato educativo: engloba a tudo e o todo é maior que a soma das partes. A educação permanente não é um sistema nem um setor educativo, mas um princípio no qual se fundamenta a organização global de um sistema. A elaboração de cada uma das partes desse sistema é um exercício equivalente à duração da vida. (PALMA; CHACHIONI, p. 1104).

Uma das premissas do projeto de educação para toda a vida centra-se, portanto, na necessidade de a pessoa sempre aprender. Isso corresponde, conforme a perspectiva ontológica do ser humano, à existência humana que surge com a esperança de um desenvolvimento contínuo, ao longo de toda a vida, pois que o homem é um projeto inacabado.

Destaca-se, dessa forma, que os aspectos identitários que se salientaram nos idosos da UNATI constam na motivação, no trabalho em equipe, na busca do conhecimento linguístico e na ampliação do universo cultural. Acredita-se que esses possam ter sido fatores fundamentais para o aprendizado eficaz da Língua Estrangeira pelos sujeitos investigados, mesmo se tratando de pessoas acima de 60 anos. Assim, apesar de se tratar de um estudo de caso, pode-se inferir que idosos com características semelhantes às desse grupo possuam melhor propensão a aprender uma Língua Estrangeira.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No mundo da globalização e troca virtual, o papel das línguas estrangeiras cresce, traduzindo-se num marco da contemporaneidade. Existe, como em toda mescla de sabores, a possibilidade de transformações de características da própria identidade no confronto com outras formações discursivas.

A percepção de si mesmo, percepção essa desestabilizada pela maior experiência em relação à diversidade de modos de significar o mundo, promove uma relação mais crítica com a realidade que o cerca e forma sujeitos mais tolerantes e flexíveis.

No ensino da Língua Estrangeira deve-se ter cuidado de trabalhar as diferenças não como desigualdades ou juízos de valor, mas como outra maneira de significar o mundo. Nessa perspectiva, evidencia-se um preparo perante os desafios provenientes do encontro com a diversidade, com melhores condições para interpretar os possíveis deslocamentos dele decorrentes, não como algo ameaçador, mas, sim, enriquecedor.

Essa tolerância se faz necessária, de modo particular, em se tratando do idoso, no sentido de mudar a postura marcada pela sua desvalorização e marginalização. Visando-se uma velhice digna, bem sucedida e vivenciada em sua plenitude, é fundamental a sua inserção em contextos sociais culturalmente valorizados.

Esses contextos devem propiciar a liberdade de expressão e o resgate da experiência de vida do idoso. São, por conseguinte, as salas de aula, os grupos de convivência e os projetos de terceira idade, criando oportunidades para que as pessoas idosas possam socializar seus sentimentos, uma tarefa vital no processo de educação com esse segmento populacional.

A luta pela cidadania do idoso no Brasil tem se constituído em objeto de discussões e de encaminhamentos de inúmeros grupos, porém muito ainda está por fazer. Dessa forma, cabe à educação para a velhice a aceitação da idade, como também um recurso para a reconstrução da identidade social do idoso, no âmbito familiar e social.

O trabalho linguístico, com viés voltado ao interculturalismo, pode ser uma forma significativa e efetiva de inclusão da população idosa, enquanto projeto de uma educação permanente, mesmo em idades bastante avançadas. Pode ser também um modo de educar o olhar de todas as pessoas mais jovens para que passem a considerar o envelhecimento e a finitude da vida como algo natural da existência humana.

## 7 REFERÊNCIAS

BARROS, Myriam Lins de. Envelhecimento, cultura e transformações sociais. In: PY, Ligia et alii. **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: Nau, 2004. p. 39-60.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Tradução de Maria H. F. Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 711 p.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1994. 484 p.

BRANDÃO, C. R. O outro, esse difícil. In: BRANDÃO, C. R. **Identidade e etnia**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

BURBULES, Nicholas C.; RICE, Susanne. Diálogo entre as diferenças: continuando a conversação. In: TADEU, da Silva Tomaz (Org.). **Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1993. p.173-303.

DEBERT, Guita Grin. Desbravando fronteiras e redefinindo padrões. **Tempo e Presença**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 264, p. 13-16, jul./ago. 1992.

FERRIGNO, José Carlos. A identidade do jovem e a identidade do velho: questões contemporâneas. **Velhices: reflexões contemporâneas**. São Paulo SESC: PUC, 2006.

FOCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro. Graal, 1981.

GUSMÃO, Neusa Mendes de (Org.). Infância e velhice: desafios de multiculturalidade. In: GUSMÃO, Neusa Mendes de. **Infância e velhice: pesquisa de ideias**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003. p.15-32.

GRAEFF, Wanderley. Viver bem. **Revista Viver Toledo**, n. 28, p. 6, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 102 p.

IBGE. **Censo 2010: segundo dados do IBGE população de idosos aumenta no país**. Disponível em: <<http://www.ibicidade.com/2010/09/censo-2010>>. Acesso em: 20 dez. 2010.

ORLANDI, E. P. Identidade lingüística escolar. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. p. 203-212.

PALMA, Lúcia S.; CACHIONI, Meire. Educação permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e com o idoso. In: FREITAS, Elizabete V. et alii. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p.1101-1109.

PY, Ligia. Envelhecimento e subjetividade. In: PY, Ligia et alii. **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: Nau, 2004. p.109-136.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. p. 239-250.

SCHARFSTEIN, Eloísa Adler. A identidade na velhice mediada pela ação do discurso. In: FREITAS, Elizabete V.; PY, Ligia et alii. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 1289-1294.

SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. 383 p.

Recebido em 07/10/2010.

Aprovado para publicação em 21/02/2011.